

Ilhas de sonda

Islands of probe

Suzana Schulhan Lopes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3975>

DOI: [10.4000/pontourbe.3975](https://doi.org/10.4000/pontourbe.3975)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Suzana Schulhan Lopes, « Ilhas de sonda », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3975> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3975>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Ilhas de sonda

Islands of probe

Suzana Schulhan Lopes

- 1 Estar em campo, fazer uma investigação *in loco*, buscar a precisão mais certa e quase perfurante de alguma natureza ou situação, uma exploração, uma avaliação, uma análise: são ideias que permitem aproximações sobre o entendimento de uma etnografia, mas são também as definições de uma *sonda*. *Sonda*: etimologicamente do francês *sonde*, é um termo usado, especialmente, na medicina para designar instrumento ou aparelho de recolha de dados relativos à profundidade, para estudo de camadas densas, como uma espécie de tubo ou estilete que explora feridas e evacua cavidades. Ou ainda um tipo de vara metálica para picar o terreno e localizar minas enterradas pelas tropas inimigas.
- 2 Fincado gigantesca e exatamente em frente ao SESC Pompeia, na cidade de São Paulo, *Sonda* era precisamente o nome do supermercado que deu sombra e testemunho a todas as manifestações do dia 7 de novembro de 2017. E o *Sonda* (supermercado) também se tornou um personagem destas manifestações, serviu de base, apoio e forneceu parte dos materiais utilizados nas manifestações, como as vassouras que foram utilizadas pelos manifestantes para varrer os restos deixados pelo protesto na rua Clélia.
- 3 Citando *Ilhas de História*, a erudita e irônica obra de Marshall Sahlins de crítica à antropologia e falsas dicotomias entre passado, presente, estrutura e história, indivíduo e sociedade – o que vimos e fizemos nas manifestações foram *Ilhas de Sonda*. É o que ficou mais evidente na minha "sonda" instrumentalizada de questionários *survey*, onde, sem exceção, a elucubração dos mais de dez entrevistados ultrapassou cada alternativa de resposta, escala, tabela, campo de preenchimento.
- 4 Como pesquisadores em sondagem ficamos ao redor dos dois grupos contrários e favoráveis a Judith Butler, alguns de nós no meio deles. Eu comecei as entrevistas *dentro* do SESC. A primeira pessoa que abordei foi um funcionário e declaradamente por esse motivo “acho melhor não responder porque pode influenciar de alguma forma sua pesquisa” disse. A segunda pessoa que abordei também era funcionária, mas aceitou responder – em ambos os casos, diferentes de outros funcionários do SESC, não havia

crachá, uniforme, ou qualquer outro tipo de sinalização corporativa que me permitisse saber a relação profissional dessas pessoas com o SESC.

- 5 Em seguida, fui abordada por uma funcionária do SESC que me perguntou a procedência da pesquisa e se era “amostra aleatória”, palavras dela. Outra abordagem a esse respeito foi de uma repórter da Rádio CBN que me questionou sobre a “referência da pesquisa” para “consultar depois”. Difícil distinguir quem eram os manifestantes. Todas as pessoas talvez, porque tudo se manifestava. Passantes, transeuntes, pedestres? Não. Manifestantes. E o título de funcionário – do próprio mercado, do SESC, da Polícia – não retira essa classificação maior. Imprensa e pesquisa? Tampouco. Qualquer um, longe ou perto, falando ou em silêncio, está, sempre, se manifestando, exigindo algo. Aí me incluo.
- 6 Eu estava trajada com roupas e tênis de malhação, sem estampas ou acessórios, o que, sinto, fez pessoas dos dois grupos definitivamente não conseguirem imaginar meu posicionamento pessoal. Digo isso, pois, fui questionada a respeito da minha opinião enquanto aplicava questionário dos dois lados, entre contrários e favoráveis. O mais próximo de julgamento sobre minha figura e opinião foi o que ouvi do primeiro homem que entrevistei do grupo contrário. Ele me perguntou afirmativamente se eu votaria no candidato Lula para presidente. Quando respondi com a pergunta do porque ele achava aquilo a devolução foi “ah... você tá aí... fazendo pesquisa, essas coisas”. Reflito: esse comentário me autoriza a pensar que algumas pessoas fazem a associação de pesquisa/estudo, etc., com universidade/pensamento/crítica/esquerda/Lula? De forma geral, a indisposição do grupo contrário para participar da pesquisa endossa esse palpite.
- 7 A maioria de falas nas entrevistas fora do questionário eram, somadas: 1) o problema da corrupção no país; 2) a importância da reforma da previdência e 3) a permanência de Michel Temer na presidência como, por exemplo, forma de “não atrasar o que vem sendo feito” – essa, inclusive, a fala de uma mulher *não entrevistada* que me abordou para saber o que se tratava tal movimentação na rua, tendo de mim apenas a monossilábica resposta de que “é um pessoal a favor e outro contra uma professora estrangeira que veio falar hoje no SESC”. Permitindo constatar que, desconexas da minha não-interlocução, a imensidão de *falas para si mesmas* eram uma evidente demonstração de quem quer, e praticamente precisa, se expressar. A qualquer custo. Para qualquer um.
- 8 A prancheta, o tom intelectual e a postura de condução que eu imaginei que poderia trazer foram sumariamente derretidos abaixo da sensação térmica de trinta graus, e no final das eternas quatro horas de duração, parecia que a investigada, examinada, sondada, era eu. De qualquer forma.
- 9 - Você vota no Lula, né? - ouço de Marcos, um que entrevisto. E continua:
- 10 - Tá aí... na faculdade... fazendo pesquisa social...
- 11 Mais (e esse é o relato de um de meus colegas de trabalho): em meio a entrevistas e conversas informais, um entrevistado jovem, de 16 anos, vestindo azul. após eu aplicar todas as perguntas da entrevista estruturada, questiona-me:
- 12 - Vocês apoiam quem? - E ainda (também vivido por meu colega): uma senhora vestindo rosa, de rugas quase imperceptíveis, mas suficientes para impedir a deselegância de perguntar sua idade, passava dizendo a quem concedia entrevista:
- 13 - Cuidado com o que você fala, cuidado, você não sabe quem são eles!

- 14 Eu e minha dupla de sondagem na Rua Clélia nº 93, o máximo possível em atribuição de cores e imagens imparciais, nos interrogamos que lugar imaginário era esse que fomos colocados? Para o rapaz, uma incógnita, talvez com desconfiança. Mas para essa senhora, éramos uma ameaça a se ter cautela. Já no primeiro caso, as palavras-chave de Marcos me autorizam a pensar que muitos dali achavam que Universidade é, necessariamente, um sinônimo de esquerda política. Ora "vocês", ora "eles", revelavam que éramos mesmo excêntricos, exóticos, e várias outras formas de dizer, no fundo, uns estranhos.
- 15 O menino-rapaz-homem-senhor-masculino-pênis (e, como solicitava o evento, vestido com cor azul) que mirou o crucifixo-arma para a boneca Butler, compondo uma das fotografias mais emblemáticas e alegóricas do dia, vestia um moletom com a inscrição GAP. Essa uma marca polêmica como qualquer pesquisa instantânea na internet pode atestar: *Gay and Proud*, é o senso comum que os anos 90 escolheu para atribuir como significado à marca. Qualquer interpretação, como sigla ou como tradução, como *gay e orgulhoso* ou como *gap* em sua tradução literal de *lacuna*, ambas continuam a ilustrar as contradições e hiatos daquele dia.
- 16 A menina-moça-mulher-senhora-feminina-vagina (e devidamente vestida com a cor rosa) estava lá. Não submissa ou em silêncio, acompanhava coadjuvante e assistindo ao exercício cívico dos homens; fazia-o igualmente, bradando, reivindicando, argumentando, tendo e usando voz, com maquiagem, detalhes, vaidades, salário, disponibilidade logística e geográfica numa terça-feira útil da capital paulista. Ela, elas, utilizando de seu poder político e de sua liberdade conquistada, para exigir da sociedade a obediência às convenções, padrões, quase normas, sexuais - enquanto varriam a rua depois das manifestações em alusão à uma obediência da divisão sexual do trabalho doméstico.
- 17 Do outro lado, a outra manifestação, @ intelectual, desconstruídx, questionador@ (e, por isso, desobedecendo às cores binárias rosa e azul), promovia, em precárias condições, para não dizer de qualquer jeito, a aula aberta, seminário, palestra, conferência, colóquio, reunião, ou outro dispositivo, acadêmico, de transmissão do que é, academicamente, considerado o *saber*, fazendo uso da criticidade aos padrões ao mesmo tempo que opera em outros.
- 18 Negro-pobre-periférico-oprimido-excluído-sem estudo e oportunidades, e por isso progressista/do lado favorável à filósofa? Sim! Não! Depende. Branco-rico-central-privilegiado-escolarizado e com acessos facilitados, e por isso conservador/do lado contrário à filósofa? Sim! Não! Depende. Os resultados do perfil dos manifestantes também escapam aos binarismos de classe, raça, nível educacional.
- 19 O envolvimento subjetivo nas interpretações feitas, a importância em considerar observado e observador como atores que se afetam igualmente em campo, a atenção constante em cima do falso óbvio e a relevância dessas descrições: são todas características fundamentais na qualidade de uma etnografia. Acontece que já existem olhares dentro do olhar. Com isso não estamos falando apenas sobre a impossível isenção científica, mas estamos falando dos marcadores sociais da diferença, que a antropologia não tem mais autorização para desconsiderar.
- 20 Seja pelos desastres naturais ou pelas guerras: estas são as formas, ambas hostis, que permitiram historicamente a formação e demarcação de territórios pelo mundo. Para afirmar-se, o que ocorre é um movimento contra o outro. Dos impérios, governos,

estados, à coletividade, sujeito, indivíduo, o que paira é uma existência de si a partir das relações. Entretanto, por não ser relação um sinônimo de harmonia, também são desastres e guerras que permeiam a formação e demarcação das relações sociais. É nesse sentido que, para além das condições humanas, os marcadores sociais da diferença operam - eles são marcas para além das marcas. E *Sondas*.

BIBLIOGRAFIA

SAHLINS, Marshall. 1992. *Ilhas de história*. São Paulo: companhia das letras.

AUTOR

SUZANA SCHULHAN LOPES

Graduanda em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Seu tema de pesquisa trata das clínicas abertas de psicanálise em São Paulo e a relação com o espaço público e a experiência urbana. É pesquisadora do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP.